

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO FACULDADE
DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, CONTABILIDADE E ATUÁRIA
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA**

ANDERSON LUÍS CALABRÓ

CHINA: UMA AMEAÇA À ORDEM LIBERAL INTERNACIONAL?

MONOGRAFIA DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

SÃO PAULO

2022

ANDERSON LUÍS CALABRÓ

CHINA: UMA AMEAÇA À ORDEM LIBERAL INTERNACIONAL?

Monografia submetida à apreciação de banca examinadora do Departamento de Economia, como exigência parcial para obtenção do grau em Bacharel em Ciências Econômicas, elaborada sob a orientação do Professor Doutor Antonio Carlos Alves dos Santos.

SÃO PAULO

2022

O autor desta obra autoriza sua publicação eletrônica na Biblioteca Digital da PUC-SP. Este trabalho é somente para uso privado de atividades de pesquisa e ensino. Não é autorizada sua reprodução para quaisquer fins lucrativos. Esta reserva de direitos abrange a todos os dados do documento bem como seu conteúdo. Na utilização ou citação de partes do documento é obrigatório mencionar o nome da pessoa autora do trabalho e demais itens da referência bibliográfica.

Anderson Luís Calabro.

China: Uma ameaça para a Ordem Liberal Internacional / Anderson Luís Calabro – São Paulo, 2022, 35 p.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Ciências Econômicas.

Orientador: Antonio Carlos dos Santos

1.A ascensão econômica chinesa 2.O desafio da interdependência 3.Uma ameaça à ordem liberal internacional?

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária

DADOS DO ALUNO	
NOME:	RA:
CURSO:	SEM./ANO DE INGRESSO:
TIPO DE TRABALHO	
<input type="checkbox"/> MONOGRAFIA	
<input type="checkbox"/> PRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DO TRAB. DE CONCLUSÃO DO CURSO – BACH.	
<input type="checkbox"/> PRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DO TRAB. DE CONCLUSÃO DO CURSO – LIC.	
<input type="checkbox"/> PROJETO DE CENA	
<input type="checkbox"/> PROJETO MONOGRÁFICO	
<input type="checkbox"/> TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO	
<input type="checkbox"/> OUTRO:	
DADOS DO TRABALHO	
TÍTULO:	
ORIENTADOR:	
COMISSÃO EXAMINADORA	
PROF. 1:	
PROF. 2:	
PROF. 3:	
DATA DA AVALIAÇÃO DO TRABALHO:	NOTA:
PROFESSOR ORIENTADOR DO TRABALHO	
OBSERVAÇÕES:	
DATA:	ASSINATURA:

Formulário SAE 05 – Versão 02 – 17/10/14

Regulamentação:

- Projetos Pedagógicos dos Cursos

Para uso da SAE	
Obs.: _____	

_____/_____/_____	Data:
Assinatura:	

RESUMO

Calabró, Anderson Luís. **China: Uma ameaça para a Ordem Liberal Internacional?** São Paulo, 2022. Monografia de Bacharelado (Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Este trabalho aborda a ascensão político-econômica da China, país periférico que estabeleceu estruturas sólidas no final dos anos 1970 para a aplicação de reformas que permitiram que ele se desenvolvesse e aproveitasse a onda liberalizante dos anos 1990, quando começou a se beneficiar da abertura econômica feita. A China passou a cooptar as multinacionais estrangeiras e subordiná-las a seus interesses, o que permitiu que o país se tornasse, décadas depois, a segunda maior economia do mundo e uma possível ameaça à Ordem Liberal Internacional. A metodologia utilizada foi baseada em fontes secundárias como teses, dissertações, artigos, revistas e jornais de relevância para as áreas da Economia Política e Relações Internacionais.

PALAVRAS-CHAVE: China. Estados Unidos. Inovação. Ordem Liberal Internacional

ABSTRACT

This work addresses the political-economic rise of China, a peripheral country that established solid structures in the late 1970s for the implementation of reforms that allowed it to develop and take advantage of the liberalizing wave of the 1990s, when it began to benefit from the economic opening made. China began to co-opt foreign multinationals and subordinate them to its interests, which allowed the country to become, decades later, the second largest economy in the world and a possible threat to the Liberal International Order. The methodology used was based on secondary sources such as theses, dissertations, articles, magazines, and newspapers of relevance to the areas of Political Economy and International Relations.

KEYWORDS: China. United States. Innovation. Liberal International Order.

LISTA DE FIGURAS

Gráfico 1 – Aumento do consumo na China, Japão e Coreia.....	12
Gráfico 2 – Aumento dos salários e da produtividade na produção chinesa.....	13
Gráfico 3 – Participação das empresas estrangeiras nas exportações.....	15
Gráfico 4 – Dependência dos Estados Unidos nas cadeias de suprimentos globais.....	21
Gráfico 5 – Dependência da China nas cadeias de suprimentos globais.....	22
Gráfico 6 – Fluxo de investimentos entre EUA-China.....	22
Tabela 1 - 5 Maiores parceiros comerciais da China.....	17
Tabela 2 - Composição das exportações.....	17
Tabela 3 - 5 Produtos mais exportados.....	18
Tabela 4 - Composição das importações.....	18
Tabela 5 - 5 Produtos mais importados.....	18
Tabela 6 – 15 Maiores empresas unicórnio do mundo em 2022.....	26

SUMÁRIO

Introdução.....	08
Capítulo 1. A ascensão econômica chinesa.....	10
Capítulo 2. O desafio da interdependência.....	17
Capítulo 3. Uma ameaça à ordem liberal internacional?.....	25
Considerações finais	31
Referências bibliográficas	32

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo discorrer sobre os fatores políticos, econômicos e sociais que permitiram à China, um país periférico, em poucas décadas, se tornar não apenas a segunda maior economia do mundo em termos de PIB, mas também uma ameaça aos países alinhados à Ordem Liberal Internacional. A importância deste assunto urge em momentos de radicalização e aumento da xenofobia ao redor do mundo. A China ainda é um país pouco conhecido por grande parte da população e, portanto, alvo de muitos ataques desonestos, quando não completamente falsos. Deseja-se, então, que este trabalho contribua com elevação do nível do debate sobre a China no Brasil.

O primeiro capítulo irá abordar a ascensão econômica chinesa, com foco no final dos anos 1990, na qual o contexto de liberalização global, permitiu que a China crescesse à índices impressionantes, a ponto de se estabelecer, décadas depois, como a segunda maior economia do mundo. Mas antes de abordar essa questão, será ressaltada a importância das reformas realizadas nos anos 1970 por Deng Xiaoping, afinal elas foram importantíssimas para estruturar a economia chinesa e dar início, de maneira gradual, à abertura comercial do país. Já no contexto de liberalização econômica global dos anos 1990, será abordada a maneira específica de organização econômica, que permitiu a China fazer algo que nenhum outro país do mundo conseguiu, que foi cooptar os agentes econômicos multinacionais estrangeiros a ponto de dessagnar o polo dos países centrais, formado pela Europa, Japão e Estados Unidos. Serão mostrados os dados econômicos do período, de maneira textual e por gráficos, para facilitar o entendimento da proporção do crescimento chinês e, por fim, abordaremos a entrada da China na OMC. Esse movimento foi simbólico pois ratificou o sucesso das políticas econômicas elaboradas desde os anos 1970 e colocadas em práticas por várias décadas. A partir de então, a lógica do comércio internacional nunca mais foi a mesma.

Já no segundo capítulo, mostraremos índices econômicos recentes, com o intuito de avançar no debate da China de hoje, quais suas valências e quais suas deficiências. A China já estabelecida como segunda maior economia do mundo,

enfrenta desafios bastante particulares dada sua posição o sistema internacional. Abordamos a questão da indústria dos semicondutores, indústria essa de extrema complexidade e de conhecimento restritos a poucos países, uma vez que sua produção é relevante não apenas no âmbito econômico, mas também no da defesa. Aqui, novamente observamos divergências que aparentam ser irreconciliáveis com os Estados Unidos, país líder na indústria de semicondutores e grande entrave para que a China consiga se desenvolver no setor.

Por fim, no terceiro capítulo abordamos a questão central do trabalho. Seria a China uma Ameaça para a Ordem Liberal Internacional? Para que se possa fazer qualquer tipo de indagação a respeito disso, foi necessário conceituar o que de fato entendemos por Ordem Liberal Internacional. Dadas as suas características, encontramos evidências suficientes para concluir que os interesses entre a China e quem faz parte desta ordem, sobretudo os Estados Unidos, são de fato irreconciliáveis. Estamos lidando com dois atores com interesses semelhantes, o que os força a ser antagônicos, uma vez que os Estados Unidos não permitirão a nenhum outro país ameaçar sua posição hegemônica no sistema internacional.

1. A ASCENSÃO ECONÔMICA CHINESA

Este capítulo tem como objetivo abordar a ascensão econômica da China, sobretudo nos anos 1990, sob o contexto de liberalização econômica global, na qual as multinacionais dos países de centro buscavam se ampliar. Com isso, busca-se estabelecer uma base argumentativa sólida para discorrer sobre os capítulos subsequentes, onde iremos discorrer sobre a manutenção do poder político-econômico contemporâneo chinês e a conseqüente ameaça que representa aos interesses da ordem liberal internacional. É necessário, a princípio, evidenciar a importância de Deng Xiaoping, sucessor de Mao Tsé-tung, que assumiu o poder ao final dos anos 1970 e foi responsável por estabelecer a estrutura que deu base para a explosão econômica chinesa nas décadas seguintes.

O processo de reformulação econômica chinesa, com início no ano 1978, baseou-se na descentralização das decisões econômicas, partindo do pressuposto de que a máquina estatal era demasiadamente burocratizada. Isso impedia a modernização e conseqüente inserção da economia chinesa no mercado internacional (GOODMAN, 1995, apud LEITE, 2011, p. 8). É durante esse processo que surge a orientação para a abertura econômica chinesa, ainda que gradual, sob a importante premissa de ênfase no Estado sobretudo nas questões de desenvolvimento nacional, determinação de políticas e estabilidade macroeconômica, tudo conjugado a um processo que somava as experiências estrangeiras ao coeficiente cultural chinês. Buscava-se a promoção das exportações e a proteção e desenvolvimento do mercado interno. Foram criadas Zonas Econômicas Especiais (ZEE), na qual se destinava à promoção de exportações e a política de liberalização ao acesso aos investimentos externos antes mesmo da liberalização das importações, funcionando como um mecanismo de proteção ao mercado interno. O objetivo era acelerar o crescimento da economia, expandir e diversificar a indústria. Isso ocorreu por conta da redução da intervenção estatal nas unidades produtivas, junto a um movimento de centralização de empresas estatais, que integravam o mercado doméstico. A adoção dessa política

econômica dual ocorreu em um momento oportuno, uma vez que a conjuntura internacional era favorável (LEITE, 2011, p. 9-10).

Tal conjuntura, porém, era baseada em uma estrutura hierárquica do capital que subordinava as economias periféricas. Havia a figura do Estado funcionando como uma espécie de *holding* e havia as figuras das multinacionais, que funcionavam como espécies de capitais individuais. A China, de maneira surpreendente, se desenvolveu sem se subordinar à essa estrutura, o que propõe a hipótese de que ela fez uma aliança com o capital multinacional à revelia dos polos hegemônicos, compostos por Estados Unidos, Europa e Japão. Também se aliou aos seus vizinhos, os Tigres Asiáticos¹, caracterizando um aproveitamento da movimentação do capital no mundo, o atraindo ao seu território de maneira controlada. Observa-se que isso acabou, inclusive, por criar contradições entre os interesses desse capital e os Estados de origem (SAWAYA, 2011, p. 7-8).

A partir de 1994, observa-se uma relevante aceleração no crescimento de diversos indicadores econômicos da China como o PIB, exportações, investimentos e consumo. Também estava claro que esse crescimento era menos focado no “fundamentalismo de mercado” e as transformações institucionais sugeridas pelo Consenso de Washington² do que outros países em transição. A sustentação do crescimento chinês foi resultado de um pacote de políticas que combinaram reformas microeconômicas orientadas ao mercado de forma prudente, com políticas macroeconômicas agressivas, voltadas ao crescimento. Nenhum outro país no mundo, nos anos 1990s, conseguiu combinar um câmbio estável e competitivo, baixa taxa de juros e uma demanda fiscal anticíclica em um ambiente de baixa inflação. A China foi capaz de combinar uma política monetária voltada ao crescimento com alto grau de estabilidade de preços. A taxa de inflação se manteve sob controle através do uso de instrumentos heterodoxos como controle de preços e de salários. Havia também complementarmente o controle de capitais, políticas de investimentos não ortodoxos e uma ativa política fiscal. O Investimento Estrangeiro Direto (IED) também teve papel fundamental em integrar à China uma

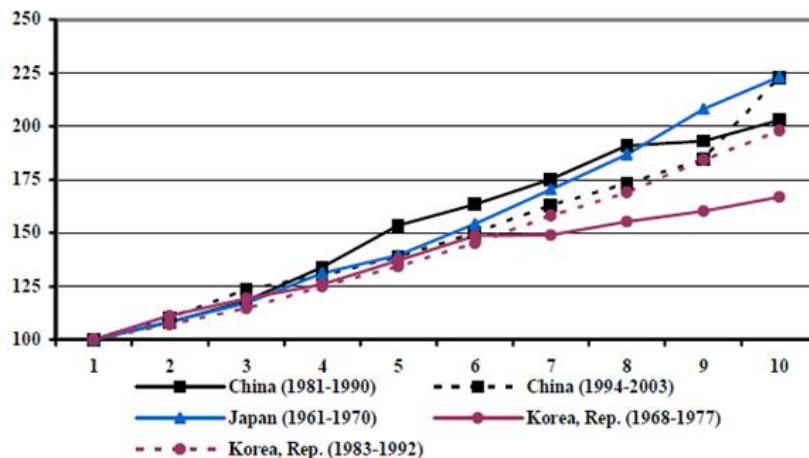
¹ A expressão diz respeito às economias asiáticas de rápida industrialização entre os anos 1960 e 1990: Coreia do Sul, Hong Kong, Singapura e Taiwan.

² Conjunto de medidas liberalizantes sugeridas para acelerar o crescimento econômico.

rede de produção regional, acelerando a integração tecnológica dentro da economia mundial (FLASSBECK; DULLIEN; GEIGER, 2005, p. 2-3).

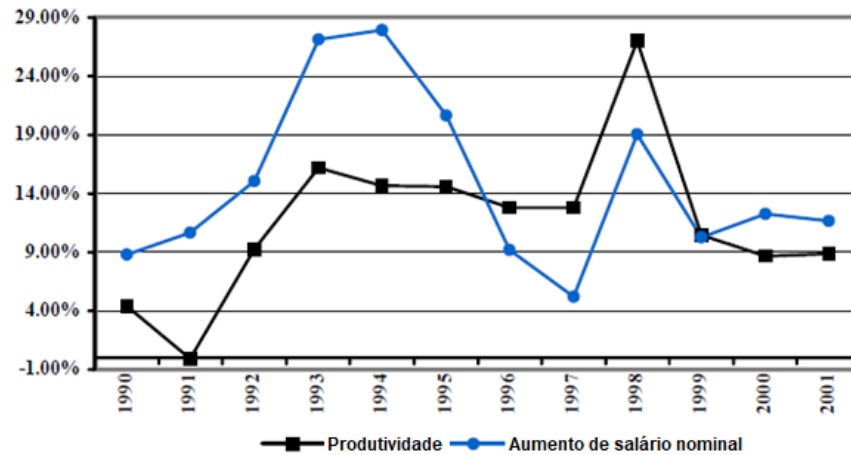
Conforme observado nos gráficos 1 e 2, o crescimento real do consumo privado entre 1994 e 2003 foi superior a 9% ao ano, comparável ao Japão e à Coreia, e esteve associado ao crescimento do salário real em mais de 8%, no mesmo período, no setor de produção e próximo disso nos setores de serviços e finanças. Mesmo o nível de emprego nesses setores cobrindo uma parcela pequena da população trabalhadora (até então quase metade da força de trabalho estava presente na agricultura), o aumento real e estável dos salários permitiu um aumento significativo no poder de compra privado. Pessoas que viviam em áreas rurais também tiveram um aumento no poder de compra, muito por conta do aumento nas áreas urbanas. Isso se deve ao fato de que algumas empresas, como as do setor de construção, dependem de trabalhadores rurais que se locomovem diariamente entre as regiões e, conseqüentemente, aumentam o seu poder de compra. Há também trabalhadores urbanos que enviam remessas às suas famílias em regiões rurais, causando o mesmo efeito. O alto grau de investimento, incentivado pelo aumento do consumo e das exportações, gerou rápido aumento de produtividade e permitiu o aumento adequado dos salários e dos lucros sem comprometer a competitividade internacional e estabilidade doméstica dos preços (FLASSBECK; DULLIEN; GEIGER, 2005, p.11).

Gráfico 1 – Aumento do consumo na China, Japão e Coreia



Fonte: Banco Mundial apud FLASSBECK; DULLIEN; GEIGER, 2005, p.10

Gráfico 2 – Aumento dos salários e da produtividade na produção chinesa



Fonte: Banco Mundial apud FLASSBECK; DULLIEN; GEIGER, 2005, p.10

O aumento da produtividade, crescimento dos salários e forte desvalorização nominal de sua moeda contribuíram para o aumento da competitividade da economia chinesa em quase 50% entre os anos 1987 e 1994. Estabelece-se um ecossistema macroeconômico estável e favorável ao crescimento, que junto a expansão do mercado doméstico em um ambiente não-inflacionário ofereceu a investidores locais e internacionais as expectativas de lucros necessárias para o investimento em capital fixo de larga escala. O novo contexto macroeconômico junto ao aumento do investimento não foi um fenômeno de demanda de curto prazo, mas providenciou à economia chinesa a poupança necessária para financiar esse investimento. O aumento da poupança privada se deu pelo aumento dos salários, ao mesmo tempo que os lucros cresciam mais do que a real, portanto as empresas aumentavam suas poupanças retendo lucros, o que por sua vez poderia ser usado para financiar ainda mais os investimentos. Logo, não foram só as exportações que se beneficiaram da estabilização de uma taxa de câmbio competitivo, houve estímulo à acumulação de capital e foi induzida uma nova rodada de efeitos nos salários e no consumo privado (FLASSBECK; DULLIEN; GEIGER, 2005, p.16-18).

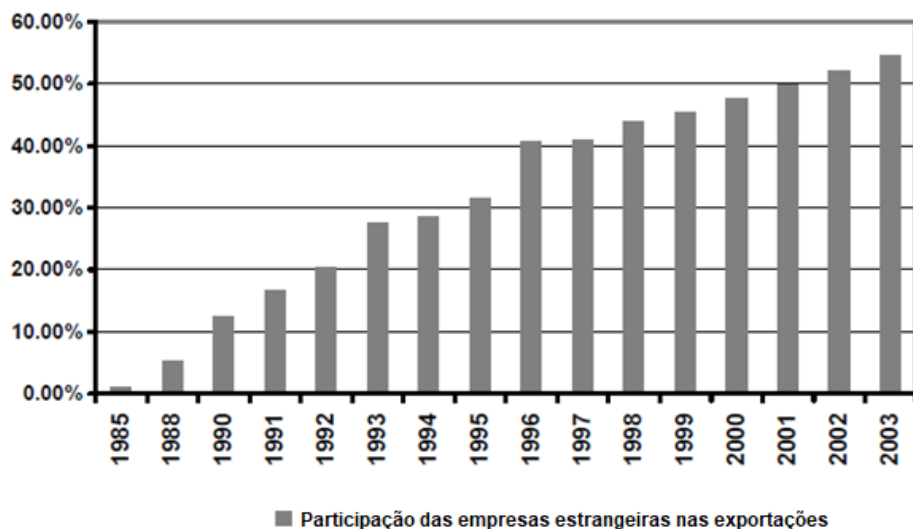
Há de se destacar a importância das políticas fiscais chinesas adotadas em conjunto com as políticas monetárias. O principal elemento de apoio à estabilização da inflação e crescimento da China foi o uso eficiente da administração da demanda

fiscal. Dado o risco inflacionário do aumento nos investimentos, o governo chinês restringiu os empréstimos e reduziu o investimento em infraestrutura. Durante a crise asiática de 1997/1998, o governo chinês usou de políticas fiscais ativas para aumentar a demanda, dado que importantes parceiros comerciais e competidores estavam sendo forçados a desvalorizar suas moedas e restringir seus gastos. A China foi, então, atingida por um choque de demanda negativo, em especial na produção. No período de um ano, 10% da força de trabalho do setor foi dispensada e o governo respondeu rapidamente com a adoção de políticas econômicas responsáveis pelo corte na taxa de juros e aumento no investimento em infraestrutura, de 38.9% em 1998 e 56.5% em 1999. Também aumentaram os investimentos nas empresas estatais, de 9% em 1997 para 17.4% em 1998 (FLASSBECK; DULLIEN; GEIGER, 2005, p.32-33).

Foram adotadas diversas políticas industriais e medidas de desregulação que tiveram o intuito de promover as exportações e incentivar o investimento externo, assim como desenvolver vantagens relativas em setores de produção específicos. Setores como os de eletrônicos, instrumentos e maquinários se beneficiaram da redução de impostos. Já as empresas estrangeiras foram atraídas com a esperança de entregar o conhecimento necessário para desenvolvimento dos setores de tecnologia intensiva e para acessar os mercados mundiais. As atividades relacionadas a empresas estrangeiras foram divididas, ainda em 1986, de acordo com os seguintes seguimentos: 1) Aqueles que devem ser incentivados; 2) aqueles que devem ser tolerados; e 3) aqueles que devem ser banidos. Dada esta divisão, os setores mais favorecidos foram os relacionados à exportação e alta tecnologia, que acabaram por receber diversos benefícios relacionados às obrigações de impostos, acesso ao crédito, encargos, direitos de exportação e gestão laboral. O tratamento especial dado ao Investimento Externo Direto beneficiou algumas empresas estrangeiras de maneira desproporcional em comparação com empresas privadas chinesas. Nos setores de produção industrial, com exceção da industrial automotiva, empresas estrangeiras pagam taxas locais aos governos muito mais baixas que as empresas locais. Há também indícios de que essas empresas estrangeiras são tratadas de maneira especial em auditorias. Consequentemente,

a performance dessas empresas nas exportações é muito melhor do que a de empresas domésticas. Ainda que a experiência de crescimento econômico da China tenha muitas semelhanças com a de seus vizinhos asiáticos, há de se destacar que em relação ao Investimento Externo Direto, há diferença. Nenhum de seus vizinhos teve alto fluxo de Investimento Externo Direto durante seus respectivos períodos de grande crescimento, já na China esses investimentos compuseram cerca de 4.9% do PIB entre 1991 e 2002 (HUANG, 2003, apud FLASSBECK; DULLIEN; GEIGER, 2005, p.34-35).

Gráfico 3 – Participação das empresas estrangeiras nas exportações



Fonte: Ministério do Comércio da China apud FLASSBECK; DULLIEN; GEIGER, 2005, p.36

Com o deslocamento das estruturas produtivas dos centros hegemônicos, sobretudo dos Estados Unidos, para a China, passa-se a configurar uma considerável ameaça à ordem então estabelecida. Tal movimento não possui precedente. Até mesmo o Japão, que adotou um processo de acumulação de capital e programa de industrialização semelhante ao da China, por conta do planejamento estatal, optou por concorrer de maneira direta com os países de centro. Seus produtos invadiam os mercados estrangeiros, sendo que no caso da China, são as empresas dos países estrangeiros que adentram seu território. Assim sendo, não

houve aliança com o capital multinacional por parte do Japão (SAWAYA, 2011 p. 15-16).

A estratégia chinesa foi capaz de submeter o interesse do capital multinacional ao seu próprio interesse nacional, desencadeando crises, desemprego e desindustrialização nos países de centro. Isso se dá por meio da seguinte interação: as multinacionais instaladas na China se aproveitam da mão-de-obra barata, produzem seus produtos a um baixo custo e os exportam para os países de centro por um preço também baixo. Há de se lembrar, que essas multinacionais também passam a ter acesso a um imenso mercado interno chinês, com mais de 1 bilhão de pessoas. Portanto, a estratégia chinesa não só atraiu o capital produtivo para dentro de seu território, como também garantiu determinado grau de controle sobre a tecnologia então disponível (SAWAYA, 2011 p. 19-21). É essencial ressaltar que os esforços chineses em abrir sua economia resultaram na sua entrada na Organização Mundial do Comércio (OMC) em dezembro de 2001. Tal movimento gerou profundas mudanças na dinâmica do comércio mundial uma vez que a China passaria a fazer parte de diversos acordos comerciais e ratificou o sucesso de sua política de abertura econômica (LEITE, 2011, p. 165-166). Conforme análise elaborada pela CNI em 2005 (apud LEITE, 2011, p. 171-172) ao se tornar membro pleno da OMC, a China passou a ter que condicionar suas relações comerciais de acordo com as regras multilaterais e o não cumprimento delas tornaria o país sujeito às sanções comerciais. Houve considerável redução do protecionismo comercial praticado na China, que resultou na fixação de uma tarifa média de 10% e a ampla abertura de seu mercado de serviços. Por fim, com a sua inserção na OMC, a China busca aumentar ainda mais sua presença na economia mundial, englobando a elevação dos investimentos diretos no exterior, o que fortaleceria a internacionalização das principais empresas chinesas e permitiria que a China assegurasse fontes de suprimento de matérias-primas e produtos agrícolas.

2. O DESAFIO DA INTERDEPENDÊNCIA

A reformulação econômica promovida por Deng Xiaoping colocada em prática no final dos anos 1970 estabeleceu a base para a ascensão meteórica da economia chinesa, sobretudo a partir da segunda metade dos anos 1990. Com a entrada do país na OMC em 2001, aumentou-se ainda mais sua presença na economia mundial. Conforme dados de 2019 da *World Integrated Trade Solution*³ (WITS, 2019), a China estava confortavelmente estabelecida como a segunda maior economia do mundo em termos de PIB (cerca de US\$14.3 trilhões), atrás apenas dos Estados Unidos (cerca de US\$21.4 trilhões).

Entre os dados econômicos comerciais mais relevantes, temos:

Tabela 1 - 5 Maiores parceiros comerciais da China

Estados Unidos	(US\$ 418.5 bilhões / 16.75%)
Hong Kong	(US\$ 279.6 bilhões / 11.19%)
Japão	(US\$ 143.2 bilhões / 5.73%)
Coreia	(US\$ 110.9 bilhões / 4.44%)
Vietnã	(US\$ 98 bilhões / 3.92%)

Fonte: (WITS, 2019)

Tabela 2 - Composição das exportações

Matérias-primas	(US\$42.5 bilhões / 1.7%)
Bens intermediários	(US\$406.3 bilhões / 16.26%)
Bens de consumo	(US\$902.2 bilhões / 36.11%)
Bens de capital	(US\$1.1 trilhões / 45.45%)

Fonte: (WITS, 2019)

³ É um software que pode ser acessado na internet e fornece acesso a dados referentes ao comércio internacional.

Tabela 3 - 5 Produtos mais exportados

Aparelhos de transmissão para radiotelefonia	(US\$174,4 bilhões)
Circuito integrado monolítico	(US\$103 bilhões)
Unidades de armazenamento	(US\$95.6 bilhões)
Partes e acessórios de processamento automático de dados	(US\$72.5 bilhões)
Partes de aparelhos elétricos para telefonia por linha	(US\$47.8 bilhões)

Fonte: (WITS, 2019)

Tabela 4 - Composição das importações

Matérias-primas	(US\$560.2 bilhões / 27.08%)
Bens intermediários	(US\$408.4 bilhões / 19.74%)
Bens de consumo	(US\$288.6 bilhões / 13.95%)
Bens de capital	(US\$800.5 bilhões / 38.69%)

Fonte: (WITS, 2019)

Tabela 5 - 5 Produtos mais importados

Circuito integrado monolítico	(US\$305.4 bilhões)
Petróleo e óleos betuminosos	(US\$238.7 bilhões)
Minérios de ferro e seus concentrados	(US\$95.8 bilhões)
Partes e acessórios de processamento automático de dados	(US\$45.3 bilhões)
Ouro em formas brutas não-monetárias	(US\$41.1 bilhões)

Fonte: (WITS, 2019)

Um item que chama a atenção ao observar os dados comerciais da China é o de importação de circuito integrado monolítico (US\$305,4 bilhões). Ele é basicamente um circuito eletrônico construído em um único material de base semicondutor (chip único). É comumente utilizado em telefones celulares, computadores e dispositivos digitais (LEGAZPI, 2022). O motivo deste material ser tão demandado está intrinsecamente relacionado com a estratégia de crescimento econômico adotada nos anos 1970 e intensificada no final dos anos 1990, ou seja, a necessidade de abastecer não só sua demanda interna, mas também a demanda das indústrias de processamento de exportações multinacionais alocadas no país, tornou esse o material mais exportado desde meados de 2010 (DENG, Ben Lian; DENG, Ben Shen, 2022, p.1).

Há de se ressaltar que a indústria de semicondutores é fundamental para a Indústria de Tecnologia da Informação e Comunicação, afinal é um componente essencial para a manufatura de uma série de produtos eletrônicos como computadores, celulares e televisores. Além disso, também é fundamental para a indústria de defesa e o Departamento de Defesa dos Estados Unidos tem financiado o desenvolvimento dessa tecnologia desde a Segunda Guerra Mundial. Segundo (HARADA, 2010 apud DENG, Ben Lian; DENG, Ben Shen, 2022, p.4), a manutenção da liderança norte-americana nesta indústria é essencial para a manutenção de sua hegemonia global. Nos anos 1980, quando o Japão ameaçou tal hegemonia, Reagan, então presidente norte-americano, iniciou uma guerra comercial que levou a assinatura de acordos como, o acordo de Plaza (1985) e o *US-Japan Semiconductor Trade Agreement* (1986) que reduziram de maneira relevante a competitividade japonesa na indústria. Hoje, apenas a Coreia e Taiwan estão no mesmo patamar que os Estados Unidos nessa indústria, embora não ameacem sua hegemonia por questões geopolíticas (DENG, Ben Lian; DENG, Ben Shen, 2022, p.4).

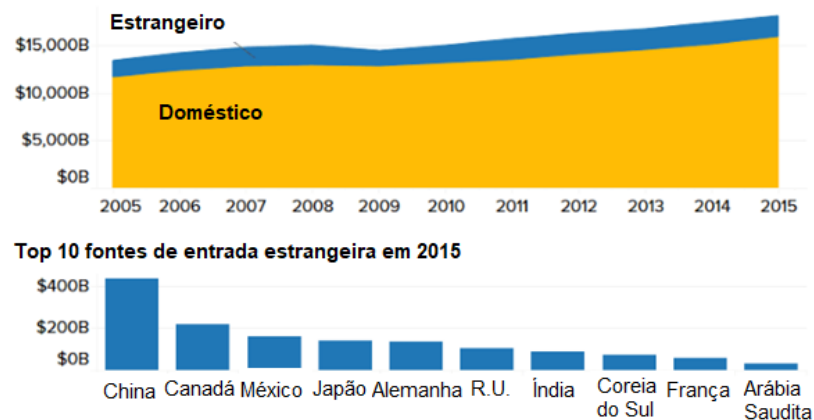
Este trabalho não tem como objetivo entrar nos detalhes da dinâmica industrial dos semicondutores, porém é importante pontuar que o processo de fabricação desses circuitos integradas é extremamente complexa e intensiva em capital e tecnologia. Houve uma tentativa de fomentar o desenvolvimento desta

indústria na China em meados dos anos 1950, mas ela foi interrompida por conta da Revolução Cultural dos anos 1970 e continuou de maneira tímida após as reformas de 1978. Já a partir de 2010, o fomento a indústria de semicondutores passou a ser uma questão central da política chinesa com destaque para o ano de 2014, quando foi instaurado um programa nacional voltado ao desenvolvimento de semicondutores chamado *Guidelines to Promote National Integrated Circuit Industry Development* com metas ambiciosas como o crescimento médio anual de produção das empresas domésticas em cerca de 20%, alcançando a liderança internacional até 2030. Ainda assim, houve reação da comunidade internacional, dada a importância estratégica do setor. Havia o temor por parte dos Estados Unidos em relação a ameaça à sua hegemonia e também preocupação em relação a atos de espionagem cibernética e proteção de direitos de propriedade intelectual. Somente em 2017, sob o governo de Donald Trump é que sanções foram aplicadas, como a imposição unilateral de tarifas contra a importação de produtos oriundos da China. Tal hostilidade impactou inclusive outros seguimentos de tecnologia, como o 5G (DENG, Ben Lian; DENG, Ben Shen, 2022, p.9-17).

Embora a questão da indústria de semicondutores seja uma clara fragilidade da China e suas pretensões de desenvolvimento e autossuficiência, o contexto de pandemia instaurado em 2020 exacerbou a dependência que o mundo tem da China, uma vez que antes mesmo do início da pandemia, os chineses já produziam metade das máscaras cirúrgicas do mundo, assim como já era uma grande fonte de farmacêuticos e equipamentos de proteção, itens essenciais e em falta no mundo inteiro. A dependência do mundo com a China se estende a eletrônicos, produtos têxteis, móveis, brinquedos e muitos outros produtos além dos suprimentos médicos (SHIH apud SERHAN; GILSINAN, 2020). Ressalta-se, porém, que há reticência por parte dos países em diminuir sua dependência da China, uma vez que ela pode fazer o mesmo, afetando as indústrias desses países, ainda assim, países como a Índia, Alemanha e Austrália fortaleceram algumas de suas regras relacionadas a investimento externo. Permitindo que seus respectivos governos possam alavancar a produção doméstica de materiais essenciais, sem o risco de que essas empresas sejam compradas (SERHAN; GILSINAN, 2020).

Os Estados Unidos, provavelmente a maior força antagônica ao crescimento chinês atualmente também provou estar exposto em sua relação comercial com a China. Conforme observado no gráfico 3, cerca de US\$2.2 trilhões do total de bens e serviços consumidos nos Estados Unidos vieram de países estrangeiros, tendo a China como a maior contribuinte (CNBC, 2020).

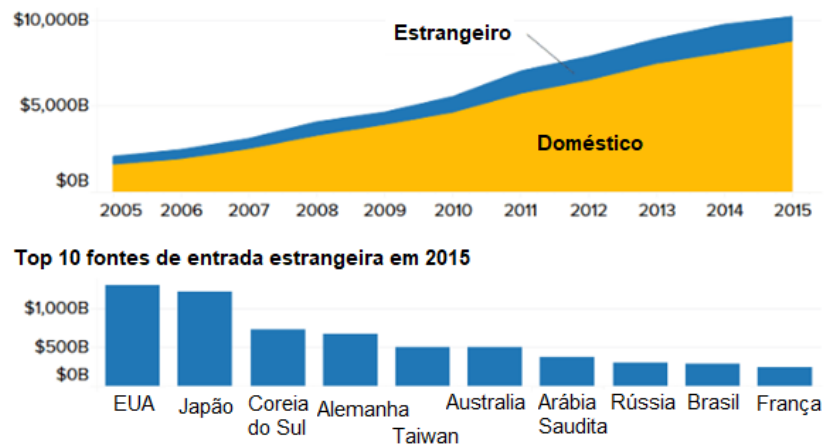
Gráfico 4. Dependência dos Estados Unidos nas cadeias de suprimentos globais



Fonte: OCDE apud CNBC, 2020

Da mesma maneira, é possível observar no gráfico 4 a dependência da China nessas mesmas cadeias de suprimentos. Aqui, fornecedores estrangeiros representam cerca de US\$1.4 trilhão do total de bens e serviços consumidos na China, sendo os Estados Unidos o maior deles (CNBC, 2020).

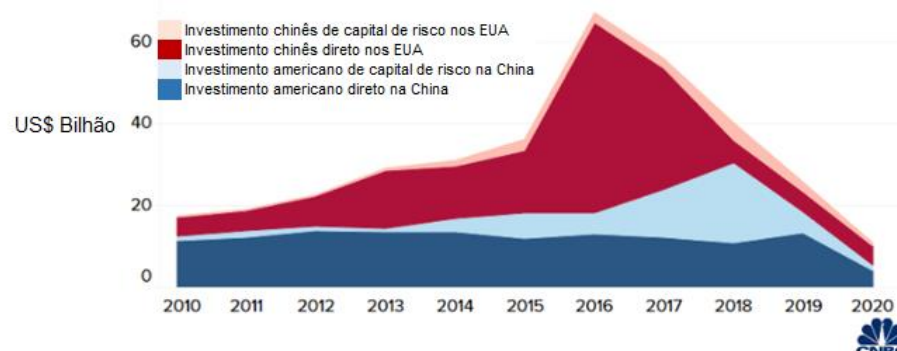
Gráfico 5. Dependência da China nas cadeias de suprimentos globais



Fonte: OCDE apud CNBC, 2020

Embora a interdependência nas cadeias de suprimentos da China e Estados Unidos seja algo complexo de se resolver, é possível observar no gráfico 5 que desde 2016 há uma constante queda dos fluxos de investimentos entre os países, sobretudo na aquisição de tecnologias dos Estados Unidos por parte da China. Os investimentos americanos na China têm se mantido mais resilientes. Em uma pesquisa conduzida pela Câmara de Comércio Americana na China em 2019, 83% dos respondentes disseram não considerar realocar suas produções ou fontes para fora da China. Esse número subiu em relação às pesquisas realizadas em 2018, 80%, e 2017, 77% (CNBC, 2020).

Gráfico 6. Fluxo de investimentos entre EUA-China



Fonte: Rhodium Group apud CNBC

Ainda assim, as relações entre os países têm piorado. Em 2018, após investigações da Comissão de Comércio Internacional dos Estados Unidos revelarem que a importação de painéis solares e máquinas de lavar estavam causando prejuízos às respectivas indústrias nos Estados Unidos, Trump impôs tarifas equivalentes a US\$8.5 bilhões nas importações de painéis solares e US\$1.8 bilhões nas importações de máquinas de lavar. Ainda no mesmo ano, Trump impôs tarifas na importação de aço e alumínio, afetando outros parceiros comerciais ainda mais do que a própria China, como a Coreia, União Europeia e Canadá, gerando uma cadeia de retaliações entre eles. Posteriormente foram feitas investigações relacionadas a práticas desleais nos campos da tecnologia e propriedade intelectual especificamente contra a China. Trump novamente impõe uma série de pacotes de tarifas sobre centenas de produtos chineses e a China responde à sua maneira (PIIE, 2022).

O então diretor do FBI, Christopher Wray, afirmou que a China representa a maior ameaça aos Estados Unidos. Entre as acusações feitas, afirmou que a China está envolvida em espionagem econômica, roubo de dados e atividades políticas ilegais, utilizando de subornos e chantagens para influenciar políticas dos Estados Unidos. Já o analista Jonathan Marcus afirmou que a China está se tornando uma ameaça para o Ocidente, não necessariamente por conta de suas capacidades militares, mas por conta do seu crescimento econômico, sobretudo por seu controle de cruciais cadeias de suprimentos, como a de medicamentos. Ele sustenta que o nível de integração do mundo globalizado de hoje e a importância dos dados e informações apenas multiplicam o alcance de Beijing (MARCUS, 2020).

É possível atribuir recente a piora das relações entre China e Estados Unidos aos dois países. Por um lado, há a chegada de Xi Jinping ao poder em 2013, a quem se atribuiu um caráter mais assertivo e autoritário que seus predecessores. Recentemente a China se envolveu em tensões relacionadas a repressão de minorias Uighures⁴ e imposição de uma severa lei de segurança nacional em Hong Kong. Por outro lado, há o nacionalismo de Trump que colocou os interesses dos Estados Unidos a frente de tudo e sua visão ideológica cuja retórica relembra os

⁴ Grupo étnico muçulmano que vive predominantemente na região de Xinjiang.

tempos de Guerra Fria, ao acusar as lideranças chinesas de serem tiranos e com ambições de dominar o mundo. É estabelecido um cenário de embate entre a “liberdade” e a “opressão”. Dentro do governo chinês, acredita-se que o objetivo da administração americana seria deter o crescimento econômico chinês (USHER, Barbara Plett, 2020).

3. UMA AMEAÇA À ORDEM LIBERAL INTERNACIONAL?

Este capítulo visa abordar a posição contemporânea da China no ambiente internacional. Seu alto e consistente crescimento econômico ao longo de décadas, junto à sua inserção no comércio internacional de maneira não subordinada aos interesses dos Estados de centro tem colocado em questionamento se a China de fato é uma ameaça à ordem liberal internacional. Para isso, deve-se antes de qualquer proposição de análise, estabelecer o que é a Ordem Liberal Internacional (OLI).

Será adotado o último conceito adotado por (IKENBERRY, 2018 apud CUADRO, 2021, p.447) que definiu a OLI como uma ordem aberta e vagamente baseada em regras. Entre os componentes, há:

- 1) democracia liberal;
- 2) interdependência econômica baseada no livre mercado;
- 3) instituições internacionais (normas e leis);
- 4) cooperação na segurança.

Esta concepção da OLI tem o Estado e o Ocidente como cernes e assume um determinado ator tido como tomador de decisão e com capacidade para moldar a ordem global a seus interesses. Isso implica na possibilidade de haver correções se houver vontade política (CUADRO, 2021, p.446-447).

Dada esta definição, é possível sim interpretar que o sucesso político, econômico e social da China representa uma ameaça à Ordem Liberal Internacional, ou resumidamente aos Estados Unidos. Conforme já abordado nos capítulos anteriores, toda a estrutura que baseou e impulsionou o sucesso econômico chinês foi contra os interesses norte-americanos, ainda que suas empresas multinacionais tenham sido cooptadas. Há também a questão do desenvolvimento de uma indústria de semicondutores, algo que a China persegue há anos e representa uma ameaça a segurança nacional e manutenção da hegemonia dos Estados Unidos.

Outra questão que precisa ser ressaltada é que por anos a força motriz da produção chinesa se baseou na cópia de produtos estrangeiros, o que permitiu ao país absorver os mais modernos avanços tecnológicos ao mesmo tempo em que recebeu a reputação de imitador global (DYCHTWARD, 2021). Essa situação, porém, mudou na última década. Segundo dados da *CB Insights*⁵, 3 empresas chinesas fazem parte das 15 maiores empresas unicórnio do mundo em 2022, ou seja, empresas com *valuation*⁶ superior a US\$1 bilhão conforme observado na tabela 6 (CB INSIGHTS, 2022).

Tabela 6 – 15 Maiores empresas unicórnio do mundo em 2022

Empresa	Valuation (Bilhões \$)	País	Indústria
ByteDance	140	China	Inteligência Artificial
SpaceX	127	Estados Unidos	Outro
SHEIN	100	China	E-commerce & direct-to-consumer
Stripe	95	Estados Unidos	Fintech
Canva	40	Australia	Internet software & serviços
Checkout.com	40	Reino Unido	Fintech
Instacart	39	Estados Unidos	Cadeia de suprimentos, logística & entregas
Databricks	38	Estados Unidos	Gestão de dados & Análises
Revolut	33	Reino Unido	Fintech
Epic Games	31,5	Estados Unidos	Outro
FTX	32	Bahamas	Fintech
Fanatics	27	Estados Unidos	E-commerce & direct-to-consumer
Chime	25	Estados Unidos	Fintech
BYJU's	22	Índia	Edtech
Xiaohongshu	20	China	E-commerce & direct-to-consumer

Fonte: CB Insights, 2022

⁵ Empresa que disponibiliza uma plataforma de análise de negócios e banco de dados.

⁶ Termo em inglês que se refere à avaliação de uma determinada empresa. São avaliados diversos fatores como a receita, base de clientes e potencial de crescimento. Com isso, se determina o valor da empresa.

Ainda assim, a China ocupa apenas a 11^a posição no ranking de inovação global reportado pela *Global Innovation Index*⁷ em 2022, que acompanha as mais recentes tendências de inovação no mundo (WIPO, 2022). Com isso, torna-se necessário adotar um conceito específico para o termo “inovação”, uma vez diferentes interpretações sobre o termo e diferentes metodologias utilizadas para qualificá-lo, tendem a dificultar o entendimento sobre o que tem ocorrido na economia chinesa. Nos basearemos, portanto, no conceito de inovação de Schumpeter, que permite à economia capitalista se revolucionar constantemente por meio de novos empreendimentos ou adoção de novos métodos de produção. Diferente do termo “invenção”, restrito a geração de uma nova ideia, a inovação, de maneira direta, para Schumpeter (2010, p. 30-31) é:

A forma pela qual cada uma destas mudanças ocorre permite que se estabeleça uma regra geral: elas ocorrem sempre por meio de novas combinações dos fatores de produção existentes, incorporados em novas fábricas e, tipicamente, novas firmas que ou produzem novas mercadorias ou empregam novos métodos, i.e., métodos ainda não experimentados, produzindo para um novo mercado ou comprando meios de produção em um novo mercado. O que chamamos, não cientificamente, de progresso econômico consiste, essencialmente, na alocação de recursos produtivos em usos até agora não experimentados na prática, e na sua retirada daqueles para os quais elas serviram até agora. É a isto que chamamos de inovação.

Ao evitar imbuir no termo “inovação” a dinâmica simplista da criação do “algo novo” ou elaboração de um conceito ainda pouco factível, observamos como a sociedade chinesa é rica em fatores que contribuem para que a inovação, conforme conceito aqui adotado, ocorra de fato. A China dispõe de uma população que viveu sob uma quantidade de mudanças sem precedentes e, conseqüentemente, têm a propensão de se adaptar e aderir às inovações a uma velocidade considerável. Tomemos como exemplo a tecnologia de meio de pagamento móvel, originada nos Estados Unidos em 2014, com o *Apple Pay* e rapidamente replicada por seus

⁷ Índice publicado pela *World Intellectual Property Organization* que engloba 132 economias e se baseia em inputs e outputs como instituições, capital humano, infraestrutura, sofisticação de mercado e do negócio etc. Para mais informações a respeito, consultar a página de metodologia da organização: <https://www.globalinnovationindex.org/about-gii#keyfindings>.

concorrentes com alternativas como o *Samsung Pay* (Coreia do Sul), *Android Pay* (Estados Unidos), *Alipay* (China) e *WeChat Pay* (China). Embora as tecnologias, em seu cerne, sejam iguais, observou-se que as taxas de uso eram bastante diferentes. Em 2018, o *WeChat Pay* registrou cerca de 1,2 bilhões de transações por dia, enquanto o *Apple Pay* registrou cerca de 1 bilhão por mês, assim sendo, registrava-se um gasto bruto via aplicativos móveis de cerca de US\$54 trilhões em 2019, um número 551 vezes maior que o total gasto nos Estados Unidos, US\$98 bilhões. No início de 2019, a Apple anunciou que 383 milhões de telefones no mundo haviam ativado o *Apple Pay*, mas apenas 24% dos usuários de *iPhone* haviam de fato utilizado a tecnologia. Já na China, o *WeChat Pay* penetrou 84% do mercado entre os usuários de smartphone (há de se considerar o fato de que o aplicativo estava disponível para uma base de clientes e de celulares maior) (DYCHTWARD, 2021).

O ponto central aqui é que para competir com a China nas próximas décadas, os países e empresas precisarão priorizar de maneira estratégica não apenas a inserção daquilo que julgam como inovação, na forma ferramental e tecnológica, mas também sua adoção em larga escala. No curto prazo, a China tem uma vantagem clara por conta de sua enorme população, cuja facilidade em se adaptar e adotar novas ferramentas é igualmente enorme. De maneira similar, os ecossistemas físicos e online dos varejos estão se integrando de maneira muito à frente do que está acontecendo nos Estados Unidos. Nas lojas de conveniência chinesas já é comum observar fileira de códigos QR⁸ abaixo das mercadorias. Escanear esses códigos revela toda a história do produto, como por exemplo, a origem de um determinado corte de salmão e seu consequente destino. Escanear um produto tecnológico também pode mostrar um vídeo sobre a marca e as suas avaliações de uso. É o que o *Alibaba*⁹ chama de “novo varejo”, que pode se tornar padrão em todo o mundo ao permitir que as marcas se aproximem dos clientes diretamente (DYCHTWARD, 2021). O termo “novo varejo” foi utilizado pela primeira vez pelo empresário chinês Jack Ma, cofundador e então presidente do grupo

⁸ Uma espécie de Código de barra que permite ser escaneado por smartphones.

⁹ O Alibaba é um grupo de empresas, com sede na China, com negócios baseados em e-commerce.

Alibaba, durante uma conferência de negócios em 2016. Segundo o empresário, a era do *e-commerce* estava próxima ao fim e deixará de existir dentro das próximas duas décadas. Após a declaração, o governo chinês introduziu políticas e estratégias que promovessem transformações inovadoras na indústria do varejo, incentivando as interações entre os estabelecimentos físicos e *online*. O foco desta nova modalidade de varejo seria a classe média de consumidores, dispostos a gastar mais pelos seus produtos e por uma melhor experiência (TANG, 2019, p. 757).

Praticamente todas as multinacionais operando na China adotaram essa estratégia com foco na digitalização, com empresas norte-americanas que lá operam utilizando versões muito mais aprimoradas do que as utilizadas domesticamente. Os consumidores chineses passaram a esperar uma rica experiência online e falhar em providenciar isso ou ficar para trás significará o fim de tal empresa no mercado. Empresas não chinesas já entenderam a situação e estão de olho em suas rivais chinesas em busca de ideias. Apenas em 2019 o *Facebook* integrou à sua plataforma de mensagem uma opção de pagamento, cinco anos após o *WeChat* ter feito isso. A *Amazon* modelou seu *Prime Day*, evento anual em que seus membros recebem todos os tipos de ofertas exclusivas, com base no *Alibaba's Singles Day*, que funciona de maneira semelhante. Igualmente, o *Instagram* implementou em sua Plataforma o Reels¹⁰, característica principal de seu maior concorrente chinês, o *TikTok* (DYCHTWARD, 2021). Observa-se, portanto, uma inédita tendência por parte das empresas chinesas em inspirar concorrentes estrangeiras a, de forma irônica, copiarem suas inovações tecnológicas.

A iniciativa chinesa da Nova Rota da Seda é outro tema que causa impactos geopolíticos significativos. É uma iniciativa com o potencial de dinamizar a economia de mais de 65 países. As ações de integração regional se darão por meio de investimentos em infraestrutura e da criação de corredores econômicos na Eurásia e África. É factível a possibilidade de potencializar a conectividade entre os participantes, transformando-os em eixos geoestratégicos (SALVAGNI; SILVA; VERONESE; AVILA, p. 675). A agenda de integração e desenvolvimento não

¹⁰ Vídeos em formato enxuto, com intuito de expressar a criatividade do usuário e gerar tendências.

necessariamente ficaria restrita à Eurásia e África, afinal no X Encontro de Cúpula dos BRICS em 2018, o presidente chinês, Xi Jinping se encontrou com representantes do Brasil para que fosse discutida uma estratégia que os envolvessem. Há de se considerar a possibilidade de superação dos agravos com determinados parceiros regionais, como o Japão e a Índia. Atrair aliados ao mesmo tempo em que avança com sua estratégia de poder na Eurásia pode trazer maior segurança para as rotas de exportação dos seus produtos, assim como de importação de petróleo e gás natural (SALVAGNI; SILVA; VERONESE; AVILA, p. 682).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mudança de patamar não apenas econômico, mas também social e de inserção no contexto global observado nos últimos 50 anos da China é algo absolutamente incrível. Por meio deste trabalho pudemos observar que uma economia periférica, quando tem sua estrutura social bem organizada, é capaz de crescer de maneira equilibrada e se inserir no sistema internacional, ainda que não esteja alinhado com o país hegemônico. Há de se admitir, porém, que as circunstâncias observadas não são facilmente replicáveis. Dificilmente um país periférico conseguiria repetir as mesmas conquistas nos dias de hoje sem alguma tentativa de intervenção pelo simples argumento de evitar que uma “nova China” exista e passe a ameaçar a devida ordem do sistema internacional. A interdependência criada entre a China e a grande maioria dos países é uma poderosa ferramenta de dissuasão para evitar que qualquer conflito que extravase o caráter comercial ocorra. Ainda assim, dado o atual contexto geopolítico do mundo, é importante ficar alerta para as movimentações chinesas em relação aos acordos firmados com o intuito de desenvolver semicondutores e firmar parcerias assimétricas com países periféricos. Não há dúvida de que a China representa uma ameaça à Ordem Liberal Internacional, que nada mais é que a ordem hegemônica liderada pelos Estados Unidos e todos os seus parceiros desde o fim da Guerra Fria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUADRO, Mariela. Sovereign Power, Government and Global Liberalism's Crisis. In: **Contexto Internacional** vol. 43, 2021. Disponível em: <<http://doi.org/10.1590/S0102-8529.2019430300001>>. Acesso em 10 out. 2022.

DENG, Ben Lian; DENG, Ben Shen. A economia política da indústria de semicondutores e o recente desenvolvimento limitado da república popular da china (2014-2021). In: **Revista Contemporânea**, 2022. p. 1-25.

FLASSBECK, Heiner; DULLIEN, Sebastian; GEIGER, Michael. China's spectacular growth since the mid-1990s – Macroeconomic conditions and economic policy challenges. In: **China in a Globalizing World**. Nova Iorque e Genebra, 2005. Disponível em: <<https://unctad.org/webflyer/china-globalizing-world>>. Acesso em: 01 mar. 2022.

Global Innovation Index 2022: What is the future of innovation-driven growth? **WIPO**. Disponível em: <<https://www.wipo.int/edocs/pubdocs/en/wipo-pub-2000-2022-section1-en-gii-2022-at-a-glance-global-innovation-index-2022-15th-edition.pdf>>. Acesso em 10 out. 2022.

LEGAZPI, Geisha A. What Is a Monolithic Integrated Circuit? **Easy Tech Junkie**. Encontrado em: <<https://www.easytechjunkie.com/what-is-a-monolithic-integrated-circuit.htm>>. Acesso em 10 out. 2022.

LEITE, Alexandre César Cunha. **O projeto de desenvolvimento econômico chinês – 1978-2008: a singularidade de seus fatores políticos e econômicos**. São Paulo, 2011, 219 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MARCUS, Jonathan. FBI director: China is 'greatest threat' to US. **BBC**, 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-53329755>>. Acesso em 01 mar. 2022.

SALVAGNI, Julice; SILVA, Magda Georgia da; Marília Veríssimo, VERONESE; Róber Iturriet, AVILA. A ascensão chinesa e a nova rota da seda:mudanças globais, novas hegemonias. In: **Revista Sociedade e Estado** – Volume 37, Número 2, Maio/Agosto 2022

SAWAYA, Rubens R. China: uma estratégia de inserção no capitalismo mundial. In: **Revista Soc. Bras. Economia Política**, São Paulo, nº 28, p. 5-35, 2011. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/351704357/China-Uma-Estrategia-de-Insercao-No-Capitalismo-Mundial>>. Acesso em: 25 set. 2021.

SCHUMPETER, Joseph. A Instabilidade do Capitalismo. In: **Clássicos de literatura econômica: textos selecionados de macroeconomia**. 3.ed. Brasília: Ipea, 2010. 169 p.

SERHAN, Yasmeen; GILSINAN, Kathy. Can the West Actually Ditch China? **The Atlantic**, 2020 Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/politics/archive/2020/04/us-britain-dependence-china-trade/610615/>>. Acesso em: 01 mar. 2022.

TANG, Shihe. Investors' Psychological Expectation of Retailers under the New Retail Model. In: **Proceedings of the 4th International Conference on Humanities Science, Management and Education Technology (HSMET 2019): Advances in Social Science, Education and Humanities Research**, volume 334, 765 p. 2019.

The Complete List of Unicorn Companies. **CB Insights**, 2022. Disponível em: <<https://www.cbinsights.com/research-unicorn-companies>>. Acesso em: 10 out. 2022.

Trump's Trade War Timeline: An Up-to-Date Guide. **PIIE**, 2022. Disponível em: <<https://www.piie.com/blogs/trade-investment-policy-watch/trump-trade-war-china-date-guide>>. Acesso em: 01 jun. 2022.

USHER, Barbara Plett. Why US-China relations are at their lowest point in decades. **BBC**, 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-53517439>>. Acesso em: 01 mar. 2022.